

Regionalismo Universalista

Tristão de Athayde

Se no romance a que ontem nos referimos (*O Tronco*), a qualidade literária não corresponde à verdade patética da narrativa, nos contos do Sr. Bernardo Élis, *Veranico de Janeiro*, como aliás em toda a sua obra anterior, os dois dados se conjugam e se completam.

O autor é mais um elemento marcante da chamada geração de 45, isto é, do terceiro momento do modernismo, quando este já perdera o seu caráter individualista ou cosmopolita (que lhe fora censurado por Gilberto Freyre) para se integrar na realidade brasileira mais autêntica. Tendo sofrido, como o Sr. Estanislau Fragoso Batista, autor de *Revolução de um Padre* — o peso do terrorismo cultural, o sofrimento, longe de silenciar sua pena, a depurou, como acontece com os verdadeiros escritores. Estreara em 1944, com os contos regionalistas goianos *Ermos e Gerais* e os que acaba de publicar consagram definitivamente o autor, não só como um dos nossos maiores regionalistas, mas ainda como em marcha para a própria superação do regionalismo. Como aconteceu, por exemplo, com Guimarães Rosa. O regionalismo é apenas um território reduzido do sertanismo. Como este se insere no nacionalismo literário, que por sua vez alcança, ou não, o universalismo. São círculos concêntricos de uma realidade total, que em tese corresponde a um critério de valor. Toda obra literária cresce, em qualidade, na razão direta de sua universalidade. O que não impede que seu tema possa ser extremamente limitado. Nada de mais regional do que a guerra de Tróia. Nada de mais universal que a *Ilíada*. Ninguém mais provinciano do que Dante. Nenhuma obra mais total do que a *Divina Comédia*.

Voltando aos pagos goianos, a tragédia da prepotência e da injustiça dominantes nos ínfimos povoados do Brasil Central, narrados magnificamente pelo Sr. Bernardo Élis, tem um sentido universal. Vejamos, aliás, o que ocorre na Europa com a “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, musicada por Buarque de Hollanda e

encenada e representada esplendidamente pelos estudantes da Universidade Católica de S. Paulo. É um drama do localismo nordestino mais regional. Mas impressionou, profundamente, os críticos europeus mais exigentes, pelo seu conteúdo humano e patético. E pelo quadro verídico que traça da revoltante injustiça da nossa triste realidade social. E o mesmo já havia acontecido com a “Compadecida”, de Ariano Suassuna.

Coisa semelhante se dá com os contos do Sr. Bernardo Élis. Filho de Goiás, educado numa povoação primitiva, como é Corumbá de Goiás, acostumou-se, desde menino, a falar a língua do povo e a sentir de perto o drama dos pobres, dos injustiçados, dos perseguidos. Assimilou tudo isso de tal modo, tanto a realidade social inumana, como a expressão lingüística extremamente humana daquele povo, que no dia em que a sua vocação literária irreversível despertou, o que nos deu foi ao mesmo tempo uma obra de verdade social impressionante e uma criação lingüística de uma beleza e de uma originalidade absolutamente singulares.

O estudo do seu estilo já está em ponto de merecer uma análise lingüística científica, tal a sutileza da sua oralidade. Pois se trata da oralidade estilística em uma de suas manifestações mais ricas e felizes. É uma fusão rara entre o falar culto e o falar popular, sem aquele paralelismo tão freqüente e tão chocante nos maiores escritores regionalistas, como no próprio Coelho Neto, e que esse goiano de Corumbá realizou de modo notável. E tudo isso, mantendo o principal, sem sombra de sectarismo ou de preleção solene, isto é, a denúncia da miséria moral dos prepotentes e dos impostores que manejam os pequeninos, nesse terrível Brasil silencioso dos soldados desconhecidos da miséria humana. Pois a Paz pode esconder horrores tão terríveis como os da Guerra...

Transcrição do *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966 – Fundo Bernardo Élis/CEDAE.